

# Mandato tem seus votos duvidosos

Previsões esbarram nos constituintes enfermos e nos indecisos

FOTOS: ARQUIVO



Távara, Hermann e Macarini, enfermos, não deverão ter condições de votar...



...já Cunha, Palmeira e Canale formam no grupo dos votos ainda indefinidos

## Ulysses insiste na união peemedebista

O presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, voltou a pedir ontem a permanência no partido dos dissidentes que ameaçam sair. Ele afirmou que não acredita na possibilidade de haver uma debandada depois da promulgação da nova Constituição. Ao ser indagado sobre as informações que dão conta da saída do senador Mário Covas do partido, Ulysses afirmou que conversou com ele na última sexta-feira e não recebeu nenhuma comunicação neste sentido. "Como presidente do partido, não quero que ele e nem ninguém saia do PMDB", comentou Ulysses. Ele informou ainda que deverá se reunir com o líder da Constituinte ainda neste final de semana.

Um dos que já resolveram atender aos apelos do deputado Ulysses Guimarães, o senador José Fogaça (PMDB-RS) informou que toda a bancada do Rio Grande do Sul decidiu manter-se no partido. E essa decisão só pode ser modificada, com a dinâmica do processo político, numa atitude conjunta de todos os integrantes da bancada. Todos deverão se unir para dar força a qualquer futura atitude política, seja a permanência no PMDB, seja a entrada no novo partido

que será criado pelos dissidentes. Outro integrante da esquerda do PMDB informou que a atitude dubia de Covas, sobre a sua permanência ou não no partido, é provocada pela pressão dos dissidentes que pretendem fundar um novo partido, e querem a força de seu apoio político.

### SIMON

O governador Pedro Simon (PMDB) afirmou ontem que seu partido deixou de ser governo no exato momento em que o presidente Sarney anunciou na TV que passava a ter um governo próprio, dispensando a colaboração partidária. Falando sobre a presença de peemedebistas no Ministério, Simon disse que este é o preço da transição democrática: "um preço muito caro que o partido tem que pagar". Simon lamentou a saída de Fernando Henrique Cardoso e Mário Covas do PMDB, lembrando ter sempre defendido a tese da união de progressistas, entre os quais se inclui, e os liberais como Franco Montoro e os chamados de centro. Esses três grupos reunidos, na opinião de Simon, fariam a maioria do PMDB e isolariam a extrema esquerda e a extrema direita.

## Brizola diz que está sem concorrentes

Salvador — Ao reafirmar ontem em Itabuna, a sua candidatura à Presidência da República, o ex-governador do Rio, Leonel Brizola, disse que as eleições presidenciais têm sido adiadas porque nem os partidos nem o Governo contam com um candidato que possa competir com ele.

— Eu gostaria que o Governo tivesse um candidato como o ministro das comunicações, Antônio Carlos Magalhães, para que participasse de um debate comigo na TV — comentou. Brizola foi a Itabuna, no sul da Bahia, para a festa de filiação do prefeito local, Ubaldo Dantas, que saiu do PMDB para ingressar no PDT.

### ADIAMENTO

O ex-governador acha que a eleição para a Presidência da República está sendo adiada porque ele já está com 66 anos de idade e supostamente não pode esperar muito. Mas avisou que "os Brizolas são longevos e só aos 90 anos começam a baquiar", lembrando o caso de uma irmã que, aos 83 anos, "dirige Jeep e participa de campanhas políticas".

A seu ver a eleição para a Presidência da República vai se realizar o mais cedo possível e será decidida logo no primeiro turno por uma expressiva margem de votos.

Brizola está sendo esperado hoje em Salvador, onde participa na Câmara Municipal, do encerramento da convenção regional do PDT para escolha dos membros da executiva e do diretório.

### RITAMARIA PEREIRA Da Editoria de Política

A existência de cerca de 40 constituintes classificados no grupo de incertezas sobre comparecimento ou voto em plenário — uns porque estão mesmo doentes, outros para evitar áreas de atritos políticos ou pessoais — impedirá que o Governo concretize a previsão de aprovar por até 325 votos os cinco anos de mandato para o presidente José Sarney. A decisão está marcada para quarta-feira e, depois de dias tensos, os estrategistas ligados ao Palácio do Planalto já se mostram seguros do quadro favorável ao prazo que defendiam, achando que serão poucos os ausentes.

Dos doentes, alguns dependem ainda da evolução do quadro clínico. Um voto certo pelos cinco anos seria o do senador Virgílio Távara, recuperando-se ainda de uma cirurgia em São Paulo e sem condições de viajar. O deputado Fausto Fernandes tem um cálculo renal e poderá ser operado, o que também limitará sua locomoção. O deputado Pedro Ceolin tem uma úlcera mas como está internado numa casa de saúde em Brasília, se não for operado, promete comparecer na hora da votação. Jessé Freire talvez não possa chegar. Todos estariam com o grupo cincoanista.

Outros têm seus nomes apontados como incógnita em função das peculiaridades da política em seus estados. Nesse caso, a bancada do DF só tem três votos anotados como certos para os cinco anos: Francisco Carneiro, Meira Filho e Márcia Kubistcheck. Outros, podem fazer ainda esta opção, mas como não se afinam com o governador José Aparecido, ninguém tem certeza de que manterão os votos dados na parte permanente da Constituição sobre o tamanho do mandato: Walmir Camello, Maria de Lourdes Abadia e Jofran Frejat. Apenas a deputada tem sido mais flexível. Mas todos votaram cinco anos na superterça.

Existem ainda os que, do grupo quatroanistas, poderão faltar. O senador Mendes Canale e o deputado João Cunha, por exemplo, no dia 22 de março deram seus votos sobre sistema de governo mas saíram do plenário na hora de tratar do mandato. O primeiro provavelmente pelas ligações de amizade com o presidente José Sarney, de quem foi contemporâneo no Senado, e o outro, porque daria preferência a não expor situações pessoais e com amigos que defendem 5 anos e com os quais tem compromissos.

O Governo confere suas listas sistematicamente e vem constatando que reverteu alguns votos. No grupo de duvidosos funcionam muitos dados capazes de oferecer segurança ou confirmar a incerteza. De qualquer modo, a apuração indica ainda que não perdeu votos. Até o deputado Mário Bouchardet, campeão de ausências no plenário, está comprometido a comparecer e votar nos cinco anos. Já o deputado João Hermann com problemas existenciais e físicos, dificilmente teria o mesmo comportamento. E que ele teria que ficar com o grupo dos quatro anos, quando algumas vinculações pessoais o levariam a optar pelos cinco.

O senador Guilherme Palmeira e o deputado César Cais votaram na primeira vez pelos cinco anos e os indícios são de que manterão a mesma opção. Mas por precaução estão no grupo da incerteza. A expressiva maioria dos 29 constituintes que saíram do plenário na superterça têm opção pelos cinco anos, e muitos se comprometem a atender o esquema de mobilização.

Um voto que tem sido anunciado como capaz de engrossar os cinco anos é o da deputada Rita Camata, cooptada pelas gestões do marido, Gerson Camata. Ela, porém, não confirma nem desmente essa versão, preferindo alimentar a dúvida com a recomendação de que "na hora verão".

Quadro interessante verifica-se no Maranhão. Apesar de afinado com a

ala mais progressista do PMDB, o deputado Antônio Gasparian manterá em relação ao mandato os cinco anos para o presidente José Sarney devido a compromissos com suas bases políticas. Já os deputados David Alves da Silva — um campeão de faltas injustificadas — e Vieira da Silva — que está doente — se comparecerem, votam os cinco anos. Aliás, os dois passaram alguns dias da semana passada em Brasília, permitindo supor que desta vez não faltarão. Quanto a Joaquim Aickel, também cincoanista, deverá ser mais atento à hora, já que na primeira vez distraiu-se na rua e chegou atrasado no plenário.

O deputado Paulo Macarini está doente — recebeu pontes de safena — e deverá faltar na próxima semana. Hélio Manhães votou cinco anos antes mas como assinou a lista dos peemedebistas em oposição ao Governo ninguém conta com seu voto. No mesmo caso está Mendes Botelho, do PTB. Existem as abstenções previsíveis, como é a do presidente Ulysses Guimarães.

Já o líder do PMDB, Ibsen Pinheiro, dado como outro no conjunto previsto de 3 abstenções tem seu voto analisado pelo ângulo político, permitindo supor que fique com os cinco anos. Afinal, o anúncio de que o senador Mário Covas poderá deixar o partido, acabaria forçando a bancada a escolher substituto na liderança e o nome de Ibsen seria naturalmente o mais viável. Ele manteve-se como líder graças ao apoio recebido dos moderados, na expressiva maioria do grupo dos cinco anos. Se quiser manter a preferência deverá mostrar isso claramente.

O Governo conquistou alguns votos no grupo de quatro anos, como Fernando Bezerra Coelho, Mário Assad, Simão Sessin, Flávio Palmieri da Veiga, Denis Carneiro e Jesualdo Cavalcanti. Deverá contar pelo menos um total de dez votos nessa área. O senador Afonso Arinos, por exemplo, mudou dos quatro anos para os cinco anos.

## Luiz Henrique e Archer conversam sobre reforma

O aniversário da esposa do ministro da Ciência e Tecnologia, Luiz Henrique, serviu de pretexto, ontem, para um encontro entre os dois possíveis cortados na próxima reforma ministerial de Sarney — o próprio anfitrião e seu colega Renato Archer — com o presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães. Esteve presente também o deputado e líder peemedebista na Câmara, Ibsen Pinheiro.

Ibsen não quis dar os detalhes da conversa, mas disse que o prato principal do dia foi política. Entre os assuntos discutidos esteve o mandato do presidente

José Sarney, que será votado, provavelmente na próxima quarta-feira, e também as previsíveis mudanças entre os colaboradores de Sarney.

Quanto ao mandato do Presidente, Ibsen disse que as previsões são favoráveis aos cinco anos. Mas que ninguém tem certeza sobre a decisão final dos constituintes. O parlamentar negou que esteja havendo procrastinação para a votação da matéria, garantindo que ela será apreciada na quarta-feira.

"Não gostaria de comentar sobre esse assunto", reagiu Ibsen ao ser indaga-

do sobre as demissões de Luiz Henrique e Renato Archer. Segundo ele essa é uma decisão que cabe ao Governo. O parlamentar mostrou-se resistente, também, em comentar sua possível ida para a liderança da Constituinte, em substituição ao senador Mário Covas (PMDB-SP). Ele garante que nesse caso sua posição é pela permanência de Covas. A saída de Luiz Henrique do Ministério poderá causar outro problema para Ulysses. Reassumindo seu cargo de deputado, Luiz Henrique poderá cogitar sua volta à liderança da bancada dentro da Constituinte.